

Expressões médicas: falhas e acertos

Medical expression: failures and hits

Simônídes Bacelar,¹

Carmem Cecília Galvão,²

Elaine Alves³

Paulo Tubino⁴

Trabalho realizado na UNB – Faculdade de Medicina – Hospital Universitário da Universidade de Brasília – Centro de Pediatria Cirúrgica.

1. Médico Assistente, Professor Voluntário, Centro de Pediatria Cirúrgica do Hospital Universitário da Universidade de Brasília.

2. Bacharel em Língua Portuguesa e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília.

3. Professora Adjunta de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília.

4. Professor Titular de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília.

Bacelar S, Galvão CC, Alves E, Tubino P. Expressões médicas: falhas e acertos. Rev. Med. Res., Curitiba, v.14, n.3, p.210-214, jul./set. 2012.

Micróbio – micro-organismo.

Micróbio significa “vida curta”, não exatamente organismo pequeno. Nesta concepção, melhor termo é micro-organismo que, de fato, é nome mais usado em medicina (também se escreve microrganismo). Do grego *microbios*, vida curta, oposto de *macrobios*, vida longa (Basílio, 1904). De *bios*, vida, e *micros*, pequeno. O termo micróbio foi criado em 1878 por Charles-Emmanuel Sédillot, da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, França, para designar um ser tão pequeno que só poderia ser visto com o auxílio do microscópio. Esse neologismo foi adotado por Pasteur e, daí, foi aceito em outros idiomas. Pelo exposto, embora o uso de micróbio seja legítimo e correto por sua consagração, micro-organismo constitui melhor escolha..

Microfotografia – fotomicrografia.

Não são sinônimos. É um equívoco dizer microfotografia em lugar de fotomicrografia. Esta última significa fotografia do aspecto microscópico de uma estrutura, habitualmente obtida de máquina fotográfica ligada ao microscópio, e a primeira significa uma diminuta fotografia (micro) de qualquer objeto, como se registra em autorizados dicionários como o Aurélio e o Houaiss. O dicionário Stedman (1996) dá: microfotografia, fotografia diminuta de qualquer objeto, diferente de fotomicrografia. Essa definição tem registro semelhante em outros dicionários da língua portuguesa. Na linguagem médica, podem ser observadas disposições como "Microfotografia mostrando avançado processo de fotoenvelhecimento cutâneo", "Microfotografia de corte da peça ressecada, demonstrando sarcoma teno-sinovial do tipo bifásico com comprometimento da parede arterial", "O exame microscópico por sistema de microfotografia, entretanto, revelou sujidade residual em 84,3% (27) das peças". Contudo, o termo técnico apropriado é fotomicrografia, como em fotomicrografia da peça operatória, fotomicrografia do corte intestino delgado, fotomicrografia do foco de fratura. Também se diz fotomicroscopia. O VOLP traz também fotomicrograma. Cognatos: fotomicrografo, fotomicrográfico.

ml – mL – cc.

Capacidade e volume são grandezas diferentes. O uso de ml (capacidade) por cm³ (volume), embora errôneo, é de uso espalhado na linguagem médica e tornou-se um fato linguístico que, assim, não mais se pode extinguir. Mas convém conhecer esse desalinho e, para os que fogem a críticas e em nome da qualidade, pode-se evitá-lo em relatos científicos formais. Litro é medida de capacidade, cujo símbolo é l ou L (padrão INMETRO): garrafa de um litro, caixa d'água de mil litros, seringa de 5 ml, frasco de 20 ml. Em rigor, referir, por exemplo, “testículo de 4 ml de volume” é criticável. Volume é valor medido em metros cúbicos, cujo símbolo é m³, ou em subdivisões decimais (cm³, mm³ etc.). Exs.: 10 cm³ de água, 1,3 cm³ de dipirona, 0,08 cm³ de atropina, volume ovárico de 4,3 cm³. Assim, é irregular referir-se a seringa de 10 cm³, frasco de 20 cm³, tubos de 2 cm³, quando se indicar a capacidade desses vasos. É de bom estilo escrever por extenso: 500

centímetros cúbicos, em lugar de 500 cm³. “Usar ml por cc é erro trivial que urge ser retificado”, observa o Prof. Carlos Souza-Dias, da Escola Paulista de Medicina. Acrescenta que “antigamente só se dizia centímetro cúbico (cc) quando se queria referir ao volume de líquidos. De certo tempo para cá, não sei por que, trocou-se o certo pelo errado, e passou-se a dizer mililitro (ml)”. (Souza-Dias C. Erros vernáculos mais freqüentemente cometidos no meio médico acadêmico. Arq Bras Oftal 1999;62(3):229-33. Mas convém frisar que o símbolo oficial de centímetro cúbico é cm³, não cc. Todavia, o Instituto Nacional de Metrologia (INMETRO) oficializa por suas normas que litro ou mililitro são medidas de capacidade ou de volume. Esta é disposição cientificamente discutível, pois importa notar que 1 mL equivale a 1,000 027 cm³ (L. Rey, Como redigir trabalhos científicos, 1976, p. 51), o que importará em grande diferença em medições de grandes quantidades. É oportuno observar um detalhe: o INMETRO em sua regulamentação metrológica, capítulo VIII, instrução n. 45, Quadro Geral de Unidades de Medidas, tabela III, de acordo com o Sistema Internacional de Unidades, determina que seja l (ele minúsculo) o símbolo de litro, e L (ele maiúsculo) “será empregado sempre que as máquinas de impressão não apresentem distinção entre o algarismo 1 e a letra l minúscula e que tal coincidência acarrete probabilidade de confusão”. De fato, 1l (um litro) parece o número onze, 100l confunde-se com mil e um e similares. Afora casos assim, parece exagero usar mL, pois 1 ml ou 11 ml e casos semelhantes não poderiam causar confusões. Contudo, muitos autores escrevem mL, dL, hL em textos impressos e a escrita mL está em muitos bons livros de Química e de Física. Para fugir a críticas, pode-se usar mL, mas o símbolo regular de litro é ele (l) minúsculo e de mililitro é ml. Por serem elementos diferentes, aconselha-se a deixar espaço entre o número e o símbolo: 10 ml, 12 cm³.

ml.

Não é adequado dizer ou escrever “dez mls de soro”, “400 mls de sangue”. De regra, os símbolos científicos não têm flexão de número (plural). Assim, escrevem-se 1 ml, 10 ml, 100 ml.

Monitoração – monitorização.

Melhor monitoração, mas ambos monitoração ou monitorização são nomes que podem ser usados. Ambos constam no VOLP (Academia, 2004). Também constam aí os verbos monitorar e monitorizar, que são termos sinônimos (Ferreira, 2004). Do latim monitor, aquele que lembra, que aconselha, que guia, que vigia, escravo que vigia o trabalho dos outros (Houaiss, 2001); de monere, fazer pensar, lembrar, advertir, castigar, fazer observar que, ensinar, instruir (Ferreira, 1996), da raiz men-, pensar. Em português, monitor tem o mesmo sentido básico de indivíduo encarregado de do ensino e da orientação de certas disciplinas, estudante adiantado que auxilia o professor, tomando lições, esclarecendo dúvidas. Em eletrônica, por extensão designa aparelho que controla o funcionamento de um sistema ou de um equipamento. Daí, em informática, passou a indicar aparelhos automáticos dotados de um visor que exhibe dados produzidos em um computador, também usados em medicina, cujo funcionamento guarda o sentido latino original de por meio da exibição de dados sobre o paciente, exerce papel de vigilância, de aviso à equipe que cuida do doente. Daí, monitorar também quer dizer acompanhar ou supervisionar por meio de monitor, aparelho dotado de tela e microcomputador. Há outros derivados como sinônimos: monitoragem, monitoramento, monitorizar, monitorização. Como sugestão para selecionar o melhor termo, pode-se lembrar que, de monitor, deriva-se monitorar e deste formou-se monitoração, ato ou efeito de monitorar, melhor nominação, por sua derivação mais simples e direta do verbo original, e é termo mais curto, mais fácil de ler e ocupa menor espaço impresso. Além disso, o Aurélio, o Houaiss e outros proeminentes léxicos dão monitorizar com remissão para monitorar, que indica o primeiro não ser forma preferencial. Na literatura médica, monitorar é verbo mais comumente usado que monitorizar, como se vê nas páginas de busca da Internet. Pelo exposto, monitoração e monitorização são nomes existentes na linguagem médica e, assim, podem ambos ser usados. Contudo, monitoração é melhor opção por ser o mais utilizado, por ser nome mais curto, por ser verbete preferencial em bons dicionários, por ter derivação mais simples e mais próxima do étimo latino, monitor, pelo verbo monitorar.

Necropsia – necrópsia.

Só necropsia está no VOLP (Academia, 2004), mas ambos aparecem na literatura médica, o que lhe dá legitimidade por constituir fato da língua. Necropsia é o nome erudito e a única forma registrada em dicionários qualificados como o Houaiss, o Aurélio, o Michaelis, o Larousse, o Aulete e muitos outros, incluindo-se dicionários de termos médicos como o de R. Paciornik e o de H. Fortes & G. Pacheco.

Equivalentes: necropsia, exame necroscópico. Pedro Pinto (Pinto, 1962) dá apenas necropsia. Tanatopsia é termo precioso. No Manual de Redação da Folha de São Paulo (2001) registra-se em letras vermelhas que “É errado escrever “necrópsia”. É digno notar que o sufixo -ia é tônico em grego; daí, filosofia, geografia, democracia, necropsia. O sufixo -ia átono tem procedência latina, como em Itália, Gália, glória. A existência de autópsia e autopsia em registro no VOLP, ao lado do amplo uso de necrópsia, particularmente na linguagem médica, pode ser estímulo para que essa forma venha a ser dicionarizada. Ambos são termos que podem ser usados. Contudo, em relatos científicos formais, convém usar necropsia forma menos questionável, especialmente por especialistas em letras.

Necrotizante – necrosante – necrótico.

Todos são termos ortografados no VOLP (Vocab. Ortog., da Acad. Bras. de Letras, 2004), no novo dicionário UNESP (2004), no Houaiss (2001) e em outros bons dicionários, o que lhes dá legitimidade. O Aurélio (2004) dá apenas necrosante e necrótico. Do grego *nékrosis*, morte, de *nekrós*, cadáver. Em português, de necrose, parecem mais adequadas a derivações diretas necrosar e necrosante, também nomes mais curtos. necrosante é termo mais curto e registrado em maior número de dicionários que necrotizante. Em geral e por via da lógica e da praxe, os adjetivos e verbos procedem do substantivo, o que aponta necrosante como termo de melhor formação vocabular em comparação com necrotizante, que não decorre dessa linha metódica e disciplinar. Procede de um adjetivo, necrótico e, daí, necrotizar e deste, necrotizante. No VOLP e no Houaiss, também se registra necrotizar, que é um neologismo, mas pode justificar a forma necrotizante, como ocorre com alfabetizar > alfabetizante; aromatizar > aromatizante, batizar > batizante, magnetizar > magnetizante, dogmatizar > dogmatizante, politizar > politizante, simpatizar > simpatizante, sistematizar > sistematizante. O Houaiss, dá necrotizante como formação tomada de necrotizar + -nte, não como nome procedente do inglês *necrotizing*, embora freqüentemente esse fato ocorra em textos traduzidos do idioma inglês e, por isso, há críticas referentes ao seu uso. A maior parte das adjetivações dos substantivos terminados em -ose tem a terminação -ítico: adipótico, amaurótico, antracnótico, artrótico, acidótico, cifótico, cirrótico, diagnóstico, escoliótico, fibrótico, lordótico, meiótico, micótico, miótico, nefrótico, oncotico. Por essa razão, pode-se também dizer enterite necrótica. Contudo, a terminação -nte indica melhor uma ação, o que parece mais adequado a lesões evolutivas como em casos de necrose em expansão. Na ortografia oficial (VOLP, 2004), há necrosação, necrosar, necrosado, necrosável, necrosamento; mas também há necrotização, necrotizado e necrotizável. Na literatura médica, encontram-se expressões como: periodontite necrotizante, pneumonia necrotizante, fascite necrotizante, forma necrotizante da hanseníase, pancreatite necrotizante, granulomatose necrotizante de vasos sanguíneos, arterite necrotizante, assim como as mesmas expressões com uso de necrosante, freqüentemente em proporções aproximadas. Em conclusão, por serem amplamente usados, ambos os nomes necrosante e necrotizante constituem fatos da língua e, assim, não seria errôneo usá-los. Contudo, o uso de necrotizante tem trazido muitas críticas por este ser considerado neologismo e simples tradução do inglês *necrotizing*. Em outro aspecto, não se critica o uso de necrosante e, por vezes, isso é até mesmo elogiado. Pelos motivos expostos, é aconselhável utilizar este último nome em relatos médicos formais. Pode-se também afirmar que necrotizante constitui neologismo desnecessário, ainda que existente no VOLP e no Houaiss. Podemos dizer: enterite necrosante, fascite necrosante, vasculite necrosante, pancreatite aguda necrosante e similares.

Nelaton (sonda de nelaton).

Do antropônimo Auguste Nélaton, cirurgião francês (1807–1873) que criou uma sonda de borracha para várias utilizações médicas (Stedman, 1996) e uma sonda com ponta de porcelana para localizar balas (Porter; 1997, p. 362). Nelaton não é material de que é feita a sonda, mas um nome próprio. Escreve-se, portanto, sonda de Nélaton em lugar de “sonda de nelaton”. É justificável a inicial minúscula para se referir, por extensão, a uma sonda nelaton ou apenas uma nelaton, como ocorre com gilete, sanduíche, lambreta, mertiolate, isolete, sutupack, viagra e outros termos originários de nomes próprios, assim como nomes próprios representativos de unidades de medidas como *angström*, *ohm*, *watt*. O mesmo se aplica às sondas de Malecot, de Pezzer e de Béniqué. Mas, nos trabalhos científicos, é substancialmente essencial usar termos técnicos consoante o português culto e não formas excepcionais e exceções das diretrizes gramaticais. Importa notar que os epônimos podem substituídos por nomes técnicos, cientificamente mais adequados. De maneira melhor, podemos dizer sonda uretral de cloreto de polivinila (PVC) siliconizada, por exemplo, ou simplesmente sonda uretral, como geralmente se vê na embalagem dessas sondas.

Neonato.

Palavra malformada por ser hibridismo, isto é, composta de um termo de origem grega (neo) e outro originário do latim (nato). Os hibridismos são reprimidos por bons gramáticos, conquanto muitos estejam consagrados em nossa língua e não haja como extingui-los. Mas, por iniciativa própria, podemos substituí-los por palavras mais bem formadas. Nesse caso, recém-nascido, formado de elementos latinos, é melhor termo que neonato.

Neoplasia.

Significa tecido anormal em crescimento, como está nos dicionários. Do grego néos, novo, e plasis, formação. É errôneo mencionar neoplasia como sinônimo de formação exclusivamente cancerosa. Nos relatos científicos, recomenda-se indicar se a neoplasia é maligna ou benigna. Daí, serem ambíguas frases do tipo: “Os carcinomas adrenocorticais constituem menos de 0,2% de todas as neoplasias pediátricas” (isso incluiria as neoplasias benignas? Ou apenas as malignas?).

Neuralgia ou nevrálgia.

Ambos são nomes dicionarizados e existentes na linguagem médica, o que lhes dá perfeita legitimidade de uso e não cabe a nevrálgia a concepção de erro ou defeito de grafia. O u (ípsilon grego minúsculo) se pronuncia como "ve" antes do r (letra ro). O som ve em grego geralmente é dado pelo B (vita ou beta). Em grego, diz-se nevrálgia. Assim, a forma nevr(o)- se baseia na pronúncia grega moderna, adotada em francês, em italiano, em português, pouco em espanhol e raro em inglês; do grego neuron, nervo, fibra (Houaiss, 2001). Contudo, entre nós, recomenda-se nevrálgia como nome preferencial, mas não exclusivo, em textos formais, por ser o mais comumente usado na linguagem médica em português, como se vê nas páginas de busca da Internet. O termo nervus foi adotado pelos franceses para formar compostos como névralgie, névrose, névrotomie, névrologie, nevroplastie, o que influenciou seu uso na linguagem médica portuguesa. O dicionário médico de É. Littré (1886) dá oito termos com o prefixo neur- e 46 com o elemento nevr-. Mas as disposições contra galicismos influenciaram o uso de neuron entre médicos lusófonos, com palavras como neuralgia, neurectomia, neurótico, neuroplastia. Atualmente há forte influência do idioma inglês, que também adotou o elemento neuro nos compostos pertinentes. Curioso notar que atualmente muitos dicionários franceses trazem número bem mais elevado de termos com neur-. O Le Petit Robert (1996) traz dez termos com nerv- e 35 com neur-.